

O medo nas voltas às aulas

COMPORTAMENTO



MARCOZ VIEIRA/FOLHA PRESS

A NUTRICIONISTA ISABEL ALBUQUERQUE COM A FILHA, CLARA, QUE JÁ FOI VÍTIMA DE BULLYING. APREENSÃO APÓS DENÚNCIA IGNORADA E MUDANÇA DE ESCOLA

BULLYING: A MAIOR APREENSÃO NA LISTA PARA VOLTA ÀS AULAS

Pesquisa mostra que prática de agressões, discriminações e intimidações lidera rol de preocupações das famílias no início do ano letivo, à frente de questões educacionais

MARIANA COSTA

O início de um novo ano letivo é sempre cercado de expectativas para estudantes e pais. Mas, além de questões como a qualidade do ensino e a despesa com material escolar, cada vez mais uma outra preocupação ronda as famílias neste momento: os comportamentos nocivos entre alunos. Uma pesquisa mostra que o bullying é o principal motivo de apreensão no retorno às escolas. A Eglobal, uma empresa ligada à plataforma de marketing do Grupo Stefaneli, entrevistou cerca de 250 pessoas para entender os anseios dos pais na volta às aulas. O bullying aparece com destaque entre as principais preocupações dos responsáveis, com 57%, seguido de questões relacionadas, como comportamentos inadequados dos colegas (48%), segurança física (47%), discriminação (39%) e falta de apoio emocional (33%), enquanto a pressão acadêmica representa 15% das menções de entrevistados.

Além disso, os pais acreditam que a pandemia ainda afeta negativamente a rotina dos alunos. Para 37% deles, o isolamento social afetou muito, já 80% avaliam que o ensino remoto causou efeito negativo para a educação dos filhos.

A nutricionista Isabel Albuquerque, de 41 anos, conta que a filha Clara, de 13, já foi vítima de bullying e discriminação na escola em que estuda, e teme que isso possa acontecer novamente, já que a menina vai começar a estudar em um novo colégio neste ano. "Ela

está indo para uma escola nova, e não tenho certeza de como isso vai funcionar".

Os episódios aconteceram quando a menina tinha entre 9 e 10 anos, quando entrou em uma nova instituição de ensino, pois a família havia se mudado de cidade. Foi muito difícil, tanto para ela quanto para mim. Agora nesta fase pré-adolescente, o que mais me preocupa é a falta de apoio emocional e preconceito, de uma forma geral, de cor, gênero e religião", comenta.

A nutricionista diz que esse, inclusive, foi um dos motivos que a levaram a trocar a filha de escola novamente. Mesmo com a medida, a mãe afirma que sempre teme que a menina volte a ser alvo de bullying, embora acredite que a filha esteja mais preparada para lidar com a situação. Isabel diz que os dias conversam muito sobre tudo, conta que Clara demonstrou receio quando da primeira mudança de instituição de ensino e de cidade. "A gente chegou à escola no começo da pandemia e foi muito difícil para ela se adaptar, ser aceita pelos colegas. Foi muito julgada, recebeu ofensas verbais on-line de colegas que mal a conheciam", relata.



ARQUIVO DE ISABEL ALBUQUERQUE

A JORNALISTA BRENDA MARQUES COM A FILHA, DANICITA, DE 11 ANOS, QUE SOFREU ISOLAMENTO DE COLEGAS E INTIMIDAÇÃO NA ESCOLA. É O PRINCIPAL PROBLEMA

Segundo a mãe, embora não tenha sido fácil a menina acabou conseguindo se adaptar. "Mas, no primeiro ano, comecei a ter outros problemas com o bullying. Primeiro me ofenderam com apelidos e eu não sabia que não era permitido. Foi contra a escola que convencei. A minha pessoa que não queria brigar com ninguém", conta.

A nutricionista se sentiu frustrada com a posição da escola diante do problema. Ela conta que entrou em contato com os responsáveis e pediu que eles fossem mais rígidos, acabando por decidir tirar a menina do colégio. "Acho que falta mais interesse da escola nos problemas que acontecem nas famílias. É muito fácil a gente julgar uma criança que comete qualquer tipo de problema, mas não queremos saber o ambiente familiar em que ela está inserida", considera.

Para ela, nesses casos, a escola tem obrigação de entrar em contato com os responsáveis e tentar resolver o problema. "Mas, para amenizar a situação, seria mais fácil separar as crianças que têm problemas", afirma. Ela ressalta que a troca de colégio só não foi feita naquele momento porque estava no meio do ano letivo.

Em outra reportagem, as vezes o problema não envolve apenas a escola, mas o próprio filho. A jornalista Brenda Marques, de 45, classifica a intolerância à diversidade como o principal problema na infância atualmente. Ela conta que sua filha, Danicita, de 11, foi vítima de isolamento por ser aluna. A menina se envolvia com uma aluna da escola e foi considerada excluída pela situação, o que fez com que colegas se afastassem dela. "Muitas vezes, ocorre preconceito dos pais também,

mas, às vezes, preferem afastar a criança e falar que ela não pode ser amiga da outra, do que resolver o problema", desabafa a mãe. Ela considera a atitude dos colegas em relação à filha errada. "Uma vez que uma menina não pode conversar com a outra, isso é um tipo de bullying também. Foi uma preocupação para mim, apesar de achar que hoje ela está sabendo lidar melhor com isso. Mas é um desafio muito presente", considera.

com a exposição de quem enfrentou o problema, a jornalista Brenda Marques acredita que o bullying, mas tem comportamentos nocivos entre colegas, por pressão do grupo ou dos pais, como consequência do isolamento que a filha sofreu na escola, a mãe conta que a menina passou a apresentar problemas de comportamento, como querer se isolar e se sentir desmotivada.

Na época, Brenda procurou a coordenação da escola. "Toda vez que chegamos para conversar com a escola, ela acedia", elas dizem que estão trabalhando essas tensões, e ela já percebeu uma melhora em relação ao ano passado. A escola também tem buscado caminhos para lidar com isso", considera. Porém, ela aponta que, às vezes, o problema não envolve apenas a escola, mas o próprio filho, com determinadas situações e privar os filhos de aprender a conviver com a diversidade que existe em uma sala de aula. Cada criança é de um jeito, vai brincar, ler, hora que vai se frustrar". A jornalista comenta que até a polarização política foi motivo de problema entre crianças no ano passado. "Temos situações em que colegas não aceitavam que os pais de outros fossem de outro partido. Foi muito difícil, porque eu sei que não é uma situação que se resolve sozinho, mas como um reflexo disso, eu acho que não", afirma.

DANOS COLATERAIS

A psicóloga clínica Cerenlia Coelho explica que, ao mudar o filho para a escola, os pais esperam que ele esteja seguro, protegido e feliz. Porém, esse tipo de mudança pode trazer algo que em muito não é o que se espera, por esse tipo de situação são casos de suicídio, de diversos tipos de transtornos mentais, tais como transtorno de ansiedade, depressão, crises de pânico, automutilação física, suicídio, no rendimento escolar, evasão escolar, entre outros transtornos, o risco de morte por suicídio".

Um outro ponto destacado pela especialista é o fato de, muitas vezes, os pais demonstrarem desprezo e ofensas verbais para os filhos no ambiente escolar. "Frequentemente, crianças e adolescentes são atacados ou intimidados por seus agressores para não contarem nada sobre o que aconteceu na escola, o que gera o medo de serem mais castigados ou prejudicados física ou psicologicamente", detalha a especialista. "Isso também se reflete no contato com a família e a coordenação da escola sobre o que está ocorrendo, como se eles fossem vistos como fracos, incapazes de se defender ou, ainda, culpados por não agirem", afirma. Ainda de acordo com a psicóloga, assim, os agressores conseguem manipular as vítimas e

ficar impunes até que a dor e o sofrimento das crianças e os adolescentes sejam tão grandes que eles precisem pedir ajuda. São muitos os casos em que, mesmo quando a criança vai para a escola ou ao lado a contar para a família e a coordenar a escola sobre o ocorrido, o mesmo nesse momento que alguma medida de proteção passa a ser tomada, promovendo a mudança necessária para que eles possam bem se recuperar", afirma.

Ela destaca que é preciso que a escola seja vigilante e diligente para tomar as medidas necessárias com o objetivo de garantir segurança à vítima e a mudança de comportamento das crianças agressoras. "Infelizmente, não todas as escolas que estão preparadas para lidar com isso e no começo da pandemia foi muito difícil para elas se adaptar, ser aceita pelos colegas. Foi muito julgada, recebeu ofensas verbais on-line de colegas que mal a conheciam", relata.

A especialista afirma ainda que, de certa forma, todos os comportamentos, citados na reportagem, em que os pais têm um filho com algum tipo de violência física ou psicológica, são bastante pertinentes, pois crianças e adolescentes, expostos ao preconceito de qualquer ordem, à discriminação, às ofensas verbais e às agressões físicas ou emocionais, podem desenvolver psicopatologias diversas. Os desdobramentos dessas psicopatologias e os transtornos vividos podem repercutir por toda a vida".

Cerenlia Coelho aponta que, dependendo do que foi vivido nesse ambiente, pode ser necessário buscar acompanhamento psicológico e psiquiátrico, além de buscar o outro de escola para que ele consiga se reestabelecer de forma saudável.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 36 e 37